

Religião: Árvore ou Rizoma?

Antonio Carlos de Melo Magalhães*

Resumo

O artigo reflete sobre alguns pressupostos do estudo de religião a partir dos conceitos e das metáforas oriundos da obra de Deleuze e Guattari enfatizando o caráter múltiplo das experiências e das interpretações do fenômeno religioso

Palavras-chave: multiplicidade; estudos de religião; rizoma.

Religion: Tree or Rhizome?

Abstract

The article analyses some presuppositions in the studies of religion in dialogue with the Deleuze's and Guattari's work, emphasizing the multiplicity of experiences and interpretations of the religion.

Keywords: multiplicity; studies of religion; rhizome.

Religión: Árbol o Rizoma?

Resumen

Este artículo trata de presuposiciones de estudios de religión en diálogo con la obra de Deleuze y Guattari, con énfasis na multiplicidad de experiencias y interpretaciones de la religión.

Palabras-clave: multiplicidad; estudios de religión; rizoma.

Introdução

O título reflete leituras da obra de Deleuze e Guattari, especialmente *Mil Platôs*, *Anti-Édipo* e *Conversações*. Ainda que, ambos, pouco tenham se ocupado com o tema da religião no desenvolvimento de seu pensamento, sua compreensão da constituição da vida e suas possibilidades, bem como as revoltas de sua teoria contra os essencialismos, abrem-se a um diálogo com os estudos de religião.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade e do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba.

Meu pressuposto é de que a religião nasce e prolonga-se como tecido complexo de influências e experiências impedindo qualquer tentativa de monocausalidade absoluta. Todo discurso religioso deve ser entendido como interdiscurso, não somente porque assim acontece em qualquer discurso, mas pela complexa história da religião que se protagoniza na relação, no diálogo e/ou no enfrentamento com outras religiões e experiências do sagrado, além de percorrer os vários subterrâneos culturais. Mesmo o monoteísmo, que tenta apresentar uma unidade férrea de sua visão de Deus, não escapa às múltiplas formas discursivas que estão presentes em suas narrativas e teologias. Nesse sentido, o cristianismo é plural, como são o islamismo, o judaísmo, o budismo e o zoroastrismo. Religião só existe no plural, não somente em termos da variedade das tradições religiosas, mas no âmbito interno das experiências e das tradições de cada religião. Aliás, uma das marcas da tradição é sua capacidade de sedimentar e cultivar certa flexibilidade para pensar a variedade do mundo. O fato de algumas tradições tentarem uniformizar práticas e pensamentos só confirma a multiplicidade e a variedade das experiências e das interpretações. Demarcar é carregar as marcas que estão implícitas em tentativas de exclusão. A alteridade é incontornável.

O pressuposto da multiplicidade implica novos horizontes para o diálogo entre as religiões, mas também deveria implicar concepções mais tolerantes sobre as alteridades e as identidades consideradas fora dos discursos oficiais de cada religião, os quais são, mesmo sem querê-los, múltiplos e marcados pela interdiscursividade. É importante, portanto, superar as fronteiras que estabeleceriam uma separação radical entre religiões fechadas e as experiências religiosas diversas, pois não há vivência religiosa e interpretação religiosa que não carregue consigo os fluxos de multiplicidade e suas interdiscursividades. Nesse sentido, a metáfora de Deleuze-Guattari de que as experiências e a vida, assim como os discursos, são rizomáticos, que se espalham e vivem em constantes segmentações, não arborescentes, com estruturas meramente lineares e monocausais, torna-se instigante pensar a religião e os estudos de religião.

O contexto atual do estudo de religião

Parto do princípio que nos encontramos em contexto novo no estudo de religião. A modernidade, projeto ainda inacabado, mas em vias de superação por conta dos diferentes pós-modernos emergentes nos séculos 20 e 21, permanecerá sem sua realização plena se levamos em conta a persistência da religião em muitos contextos, apesar de ideias secularizadas terem se espalhado e o iluminismo europeu ter sido um marco no pensamento moderno para além do contexto europeu, da urbanização e da fragmentação da vida. Em outros contextos, como o europeu, constatamos a reaparição da religião

como fator que, cada vez mais, influencia ou determina a vida dos sujeitos, os desenvolvimentos da complexidade cultural, os conflitos entre povos e sociedades. Se em nosso contexto a religião nunca se tornou algo secundário, impressiona a força da religião em contextos considerados aparentemente menos religiosos. Talvez, o projeto inacabado da modernidade tenha justamente na religião seu maior embate e derrota. A chamada pós-modernidade seria sinônimo para a incapacidade de a modernidade lidar com a religião? Ao contrário do que foi anunciado, a religião não perdeu a força, a fé cristã não foi banida; a experiência religiosa negou a ideia de que religião é expressão somente da alienação. A ideia de que a modernidade implantar-se-ia à medida que a religião se retirasse de cena não vingou. A modernidade avançou, mas a religião também. A modernidade agoniza em muitos aspectos; a religião recupera lugares perdidos.

A forma como a modernidade pressupunha seu estabelecimento, baseado em diacronia entre emoção e razão, intuição e pensamento, superstição e ciência, pensamento simples e pensamento complexo, entre primitivo e moderno, não teve a eficácia e a abrangência previstas. O ser humano não partiu de um polo a outro, mas soube conviver com esses aspectos não como oposições, mas como princípios que podem coexistir na humanidade. Não existe ser humano que não seja o pulsar da vida entre as diferentes possibilidades que encontra no cotidiano.

O processo de expansão capitalista – isso sim, uma das expressões da modernidade mais bem-sucedidas – não encontrou seu equivalente no desencantamento do mundo. Desencantar o mundo findou como um projeto fracassado da modernidade. Nem mesmo a ideia de que se a religião não desaparecesse, ela teria de passar por um longo processo de interiorização ficando restrita ao campo da intimidade, tornou-se uma forma praticada em tão grande escala em diferentes culturas sob a égide da expansão da modernidade europeia. A religião não sobreviveu somente na individualidade como seu reduto de articulação de sobrevivência. Se instituições religiosas foram abaladas pela modernidade, elas mostraram-se poderosas o bastante para sobreviverem muito bem aos legítimos ataques desferidos pelos pensadores da modernidade, assim como ocorreu com a Igreja Católica Apostólica Romana e com as igrejas protestantes – mais combatidas desse conflito com a modernidade da qual fazem parte seu nascedouro e desenvolvimento. Se, em alguns casos, houve perda de adeptos por parte de algumas instituições religiosas mais tradicionais, outras comunidades e instituições surgiram em seus lugares e tornaram-se referências institucionais importantes para as pessoas e as comunidades de fé.

Hoje, percebemos que, mesmo com todo o processo de modernização, no sentido de circulação de ideias modernas, apesar das associações da reli-

gião a diferentes departamentos e áreas da vida humana, tais como neurose, alienação social, interesse político, repressão sexual – todos, com certeza, portadores de legitimidade –, ainda assim, a religião não foi expurgada da cultura, das comunidades humanas, da experiência individual. Aliás, as muitas associações feitas à experiência religiosa indicam e exemplificam as multiplicidades do alcance da religião.

Há ainda uma questão de fundo mais epistemológico nessa constatação da falácia da modernidade em tentar expurgar a religião: a ideia que sua origem e sua constituição devessem ser procuradas fora da religião. Cito como exemplo a forma como muitos estudos de religião compreenderam-na a partir dos fatores socioeconômicos. Um dos problemas da modernidade não foi a associação da religião a instâncias e fenômenos fora da religião, mas sua redução a esses elementos. Talvez, passada essa fase mais crítica da modernidade, possamos chegar à conclusão que a religião não deveria ser mais estudada como fenômeno explicado de forma reducionista a partir de outro, mas como algo *sui generis*, que precisa ser estudado a partir de seus sistemas internos de referência, ainda que as múltiplas relações, sem os reducionismos, sempre devam ser contempladas na atenta investigação.

Os estudos de religião a partir das teses de Deleuze

Esquizoanálise (mais uma caixa de ferramentas que pode ajudar na compreensão de processos psíquico-social-histórico-políticos que um conjunto de conceitos, com o fito de agenciar críticas a práticas cotidianas de pesquisa e buscar saberes subterrâneos), capitalismo e esquizofrenia, psicanálise como redução da sexualidade a um sujo segredinho familiar, rizoma, máquinas desejanças, corpos sem órgãos são conceitos – a filosofia “cria” conceitos – que encontramos nos textos de Deleuze, alguns na primeira fase de seus textos, ainda sozinho, e, na última fase de sua produção intelectual, sempre em companhia de Guattari.

Pensadores que não cabem em escolas, não se ajustam a septos da hegemonia filosófica, ainda que em diálogo permanente com a chamada tradição filosófica, Deleuze e Guattari inovam, retrocedem, surpreendem, confundem. É o sem ponto-final para qualquer coisa, pois só existem linhas que se dão nos diálogos com a filosofia, a biologia, a literatura, a mecânica, a química, o cinema, a religião etc. O pensamento em nome dos devires e contra as diferentes formas de poder. A nomadologia no lugar da história. “O que a história capta do acontecimento é sua efetuação em estados de coisa, mas o acontecimento em seu devir escapa à história. A história não é a experimentação, ela é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa à história.” (DELEU-

ZE, 2010, p. 214). Em vez de interpretações que encerram, as leituras que abrem e convidam.

A obra está aberta a encontros, e ler Deleuze-Guattari é encontrar-se com intuições, é reencontrar-se com incômodos. Sua obra é um convite ao enfrentamento da mesmice. A obra de Deleuze-Guattari não reconhece nem cientificidade, enquanto discurso finalizado, nem ideologia, enquanto referência absoluta a práticas e experiências, mas destaca os agenciamentos. “Um agenciamento em sua multiplicidade trabalha forçosamente, ao mesmo tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais (independentemente da retomada que pode ser feita dele num corpus teórico ou científico). Não se tem mais um tripartição entre um campo de realidade, o mundo, um campo de representação, o livro, e um campo de subjetividade, o autor.” (DELEUZE-GUATTARI, 2009, p. 34). Os agenciamentos pressupõem a dinâmica e os fluxos; a cientificidade e a ideologia exigem, se não observados criticamente, a obediência e a repetição.

O problema da identidade

Um dos conflitos fundacionais do pensamento de Deleuze é o que se dá em torno da identidade, antigo problema de todas as filosofias em torno do Ser. $A = A$, logo A diferente de B , impossível compatibilidade, identidades demarcadas, culturas com tipologias que exigem fronteiras rígidas, escolas que se digladiam em torno de purismos doutrinários, religiões em nome de verdades inquestionáveis. Eus sempre prontos a trabalhar com a ideia de irredutibilidade ou com mudanças a partir da crença em uma essência pre-estabelecida por algum princípio. Para Deleuze, no conceito de identidade no pensamento ocidental, incluindo a história da filosofia, a psicanálise, as teorias da arte etc., há uma obsessão em torno de um conceito de Eus e identidades fortes esquecendo-se que é em torno de multiplicidades e de certas despersonalizações que conseguimos fortalecer nosso mundo de ações. “Dizer algo em nome próprio é muito curioso, pois não é em absoluto quando nos tomamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem.” (DELEUZE, 2010, p. 15). Em vez da verdade como referência, o falso, o segredo, o que corrompe o verdadeiro e que o desdobra em suas “mentiras” subjacentes – basta pensar na importância da mentira, do álibi, das máscaras para a sobrevivência de muitas culturas. Isso tem consequências para a compreensão das individualidades, das artes, da religião, da cultura, do corpo, não mais pré-marcado em seus órgãos e em seus sentidos. Para

que serve a boca, o olho, o ouvido, o nariz, as mãos, além das prescrições aprendidas em nossos processos de socialização?

Unidade, multiplicidade; tradição e criação; dobras e linguagem; representação e estranhamento são pares que estão em textos de Deleuze, mas sem cair simplesmente em novas formas de binarismos, antes colocados em permanente tensão, conflito. A árvore impõe o ser; o rizoma fala das ligações entre. “Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início sem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.” (DELEUZE-GUATTARI, 2009, p. 37).

Arrisco uma hipótese, seguindo aqui Suely Rolnik: é possível estabelecer uma relação entre o que Deleuze e Guattari chamam esquizoanálise e alguns aspectos de sua interpretação do rizoma, e a esfera da subjetividade e das referências identitárias da cultura brasileira no *Movimento Antropofágico*.

“Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.” – É com essas palavras que Oswald de Andrade inicia o *Manifesto Antropofágico*. Numa leitura desatenta, a antropofagia pode ser entendida como uma imagem que representaria “o brasileiro”, e que, além de delinear o contorno de uma suposta identidade cultural, teria a ambição de englobar o conjunto tão diversificado de tipos que forma a população deste país. No entanto, o interessante [...] é justamente um movimento que se desloca dessa busca de uma representação da cultura brasileira, e tenta alcançar o princípio predominante de sua variada produção. Estendido para o domínio da subjetividade, o princípio antropofágico poderia ser assim descrito: engolir o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação. Constituídos por esse princípio, os brasileiros seriam, em última instância, aquilo que os separa incessantemente de si mesmos. Em suma, a antropofagia é todo o contrário de uma imagem identitária. (**Esquizoanálise e Antropofagia**, 10).

A relação não é difícil de perceber. As chamadas identidades são postas previamente somente em termos de projeção familiar ou cultural, mas não estão dadas até o fim da vida. Há um transbordamento permanente das culturas, das subjetividades, das individualidades. O que temos são os processos, feitos em conexões surpreendentes ou banais entre fluxos heterogêneos, tornando o indivíduo um tipo de resultante, mas uma resultante que está permanentemente lançada em incessantes fluxos e conexões. O que temos

são os modos de ser, os modos de a existência articular-se, os modos como as culturas carregam consigo sempre esses fluxos de heterogeneidade e suas conexões. Então, assim como em Deleuze e Guattari, também encontramos no *Manifesto* a crítica contundente aos regimes identitários e aos modelos de representação. As figuras da subjetividade são, por princípio, efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e impessoais. Reconfiguração permanente é um dos marcos desse processo, e não uma visão mesquinha de que a identidade brasileira, por exemplo, seria um repertório de macunaímas desonestos e espertos. Isso é estereótipo, não reflexão e investigação sobre os processos reconfigurativos da vida e das culturas.

Rizoma

Conceito basilar daquilo que Deleuze e Guattari entendem por sistema aberto. “Um sistema é aberto quando os conceitos são relacionados a circunstâncias, e não mais a essências.” (DELEUZE, 2010, p. 46). É nesse processo de fluxos, de relações, de circunstâncias, de convergências, de toca, como lugar de habitação e de fuga, que encontramos esse conceito em obras desses autores.

Agenciamento, processo de se colocar em diálogo com a multiplicidade em própria condição do existir. É importante, por exemplo, perguntar-se como um livro funciona, não tanto o que ele significa. “Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentariedades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso.” (DELEUZE-GUATTARI, 2009, p. 12).

O rizoma antecede a própria raiz, rejeita a multiplicidade “arborescente”. “Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade).” (DELEUZE-GUATTARI, 2009, p.16). Reflitamos mais detidamente a questão apresentada por Deleuze-Guattari: se, por um lado, há ideia de que haveria uma multiplicidade “arborescente”, que se originaria do tronco comum e das raízes comuns (as famílias cristãs todas oriundas de algo inabalável e inquestionável, que estariam a salvo de qualquer contestação), e, por outro, há a multiplicidade rizomática, que se dá em muitas segmentações cujas experiências religiosas e configurações culturais sedimentam e criam, é importante refletir sobre as consequências teóricas em escolhas do tipo de multiplicidade que se aplicaria ao chamado objeto. Ora, o que Deleuze-Guattari defendem é que a multiplicidade “arborescente” é uma tentativa ainda de estabelecer códigos identitários rígidos e controladores. No segundo caso, a partir da

metáfora do rizoma, a multiplicidade abre-se para o horizonte – as experiências, as possibilidades que não cessam de surgir, o fazer-se como tarefa interminável e condição da cultura e da existência. Fim dos fundamentos eternos e eternização dos processos. “Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar nas árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito. Toda a cultura arborescente é fundada sobre elas, da biologia à lingüística. Ao contrário, nada é belo, nada é amoroso, nada é político a não ser que sejam arbustos subterrâneos e as raízes aéreas, o adventício e o rizoma.” (DELEUZE-GUATTARI, 2009, p. 25).

O exemplo das marionetes, lembrando que os fios e as hastes formam a trama. Nem tudo está na mão de um sujeito – o artista –, é o jogo com suas diferentes composições. “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões.” (DELEUZE-GUATTARI, 2009, p. 17).

Há a segmentação, mas há a fuga permanentemente no rizoma. Não há origem no rizoma – ele é antigenealogia. Nada de decalques, somente mapas, caminhos, interstícios, interdiscursos, veredas. “A vida é por demais esponjosa”, diria Riobaldo.

Conclusão

Boa parte dos estudos da religião a que temos acesso é baseada em uma lógica arborescente, raiz, tronco, galhos, origem, verdade original, fundamento, base, doutrina original etc. Pois bem, minha hipótese é que essa fixação no modelo árvore ocasionou, muitas vezes, a incapacidade de a teoria lidar com a identidade rizomática da vida religiosa. No rizoma, a religião espalha-se em diferentes direções, não guarda rigidamente septos nem tradições, mas está permanentemente a dialogar e interagir com as diferentes esferas, circunstâncias e banalidades do cotidiano.

Daí a necessidade de superarmos a tutela dos significados fechados e exercitarmos os sentidos possíveis. “O sentido não é nunca princípio ou origem, ele é produzido. Ele não é algo a ser descoberto, restaurado, re-empregado, mas algo a produzir por meio de máquinas.” (DELEUZE, 2008, p. 74). Por outro lado, sabemos que o acontecimento sempre é temporal, inserido em um determinado momento. Em seguida, já podemos deduzir que esse ato único encontra-se inserido em um coro de vozes, em uma multiplicidade de possibilidades e olhares, o que torna o acontecimento em algo com grande potencial de conflito de interpretação, pois nele já coexistem forças e sentidos. Há, portanto, em cada acontecimento e em todos um sistema de multiplicidades que não superamos com sistematizações harmônicas, abran-

gentes e asfixiantes em relação às experiências das pessoas e dos grupos em sua trajetória de vivência.

Essa concepção de religião tira a teoria de algumas de suas tutelas tradicionais e pode estabelecer novas perspectivas no estudo de religião, inclusive a possibilidade de superarmos o uso de alguns conceitos que passaram a determinar nossa compreensão de religião, pois o que importa não é a relação conceito-conteúdo-essência, mas a sempre desafiadora relação entre linguagem e vida em multifacetadas vivências de culturas e de religiões.

Referências

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2009, vol. 1

_____. Mil platôs. **Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2008, vol. 2.

_____. Mil platôs. **Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2008, vol. 3.

_____. Mil platôs. **Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2008, vol. 4.

_____. Mil platôs. **Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2008, vol. 5.

ROLNIK, S. Esquizoanálise e antropofagia. In: **ENCONTROS INTERNACIONAIS GILLES DELEUZE**, Brasil, 10–14 de junho de 1996.

Submetido em: 7-6-2013

Aceito em: 10-6-2013